

ASCENSÃO E QUEDA

NUX

ATHOS BATISTA FRANCO

1º ano da Faculdade de Direito

Viera para a seção ainda nôvo. Dezesseis anos. De contínuo que era, aos poucos foi subindo. Era chefe, agora. Não que quisesse ou que merecesse. Isso nunca pôde saber. Não tinha políticos, nem ao menos um chefe amigo. Sempre fôra alheio a tudo. Até mesmo no amor, Ascendino não era lá grande coisa. Ao que, tivera duas namoradas. Nada mais. Sempre gostou de apatia, daquele viver assim. Nunca mandara em nada. Tudo acontecia como queria que acontecesse. O ponto diário, nada a pensar, tudo já vinha pensado. O ganhame pouco, dava para a pensão, para os ternos. Dava para êle. Não tinha a intenção de casar, constituir um lar. Não tinha intenção de nada. Só queria ser. Isso êle era, sempre fôra. Só ser. Nada de querereres outros, de perturbações outras.

O que não seria de muito estranhar, que êle não aprovasse a idéia. Mas aceitaria o cargo, pois nunca fôra homem de relutar, sempre aceitara os fatos.

Certo estava o dizer da seção. Não houve festas, não houve nada. Ascendino aceitou o cargo, como se fôsse de rotina. Logo começou a assinar papéis. Seus antigos colegas, no respeito, iam e vinham à sua mesa. Teve um até que quis dizer “sô”. Ascendino estranhou, mas fêz que não ouviu.

Na primeira semana, tudo correria bem. Conhecedor que era do serviço, não teve dificuldades, assinava com segurança, dava ordens, enfim, chefiava.

A sua mesa ficava de frente para as outras. Especialmente para a de Isaura. Bonita morena. Uns vinte e sete, na aparência. Havia cinco anos que trabalhava ali. Ascendino, mais atrás, portanto, dado que era de poucas palavras, nunca passou de curtos cumprimentos, coisas de seção, etc. Mas agora dava de frente para a môça. Vez por outra dava uma olhadinha. Viu que era bonita, a Isaura. As pernas. Sempre usara saias curtas, e pareciam bem mais curtas. Pelo menos de modo assim sentada.

Ascendino, a princípio, só olhava ligeiro. Desconfiado. Depois é que foi se encorajando, olhar detido, penetrante, uma carícia longe. Nada lhe escapava. Olhava tudo, os pés, as pernas, o cabelo, a meia desfiada até. Isaura parecia que nem tinha notado. Na sua mesinha, ou batia a máquina, ou fazia outros serviços. Nunca um olhar. Mas, quem sabe? Se um dia lhe fizesse uma proposta, poderia muito bem ser aceita. Com certeza que sim, se analisou: não era feio, era chefe. Não, não era dessas coisas. O melhor era o destino. Um dia, talvez notasse, lhe quisesse. Aí sim, Ascendino não seria mais Ascendino. Seria outro. Talvez até usasse calças um pouco mais justas, mais na moda. Isaura-Ascendino, Ascendino-Isaura. Abraçados. O pessoal da seção comentando: lindo casal, sérios, amantes.

Nem notara que não era o mesmo, que quase amava. E que também a seção não era a mesma. Distraído, se esquecia das coisas, errava muito, o serviço não saía direito. Certa vez, tão distraído que estava, não notou o Belém segurando um papel na sua frente. Foi preciso que lhe chamasse mais de uma vez pelo nome. Se desculpara, esgotamento, dissera. Nem mesmo a carta de seu antigo chefe, que também fôra promovido, conseguira ler. Apenas entrevira algo como desorganização ou coisa parecida. A carta foi para a gaveta e êle foi ver Isaura. Cruzar as pernas, trabalhar, entrar, sair, ao diabo a seção. Isaura estava ali, perto, sua.

Um dia recebeu notícia que talvez fôsse afastado do cargo. Nem ligou. Isto é, a princípio. Homem metódico que era, começou a pensar no caso. Se pensou tólo. Nos seus quarenta, era até criancice. Ê claro que não se importava com o perder do cargo, não fazia diferença. Mas, e a moral? Sempre fôra homem

do feito, do concreto. A culpa era dela. De Isaura. Que ficava mostrando pernas. Até parecia que ela tinha notado a sua paixão e por isso mesmo encurtara mais a roupa.

Bem que devia era não ter aceito o cargo, devia ter ficado era só, no escondido. Mas foi se meter a bobo. Só para mostrar que era competente, de valor. No fundo era até bom, voltava para o seu cantinho, sem aquela papelada, sem Isaura. Não ia perder nada, Isaura nunca ia ser dêle, êle, nunca também ia querer môça que fica tentando todo mundo.

Resignado já estava com o perder do cargo e, até alegre por não ver mais Isaura. Nem a sua morenez. Isso se acabava, e, Isaura-última, no tempo, ia se ajuntar com as outras duas Isauras.

Assim pensando é que Ascendino ocupou o lugar de Isaura e, ela que era boa funcionária, a sua Isaura, passou a ser o nôvo chefe. Ascendino continuou assim, de frente para ela, em quase amando. O diferente era o cargo, no mais, o mesmo. Até o amar de longe, o distrair, o errar o serviço. Continuou assim, até que um dia Isaurà o chamou, êle, o amante secreto. Êle foi. Foi imaginando Isaura: Isaura-rindo, Isaura-nua, Isaura-sua. Mas, Isaura não estava nua, nem rindo e nem sua. Estava sêca, e monossilábica: Seu Ascendino, vê se deixa a preguiça em casa e trabalhe mais. E sacudiu-lhe uma carta cheia de erros. Ascendino murmurou um “sim, senhora”, e voltou para a sua mesa, onde foi logo ajeitando um papel na máquina.

A partir dêsse dia, a seqão rendeu normalmente.

QUINTA-FEIRA

DIOGO

DANILO GOMES

1o ano da Faculdade de Direito

Não fôssem os pássaros da manhã, Camila continuaria traindo-me. Ou melhor: os pássaros apenas me emprestaram a melodia de seu canto para amortecer o choque daquele despertar súbito, violento, passional. Foi um drama na noite, nas sombras do sono e do sonho. Camila me traía com Marcel.

Foi nas últimas horas do sono, quando eu caminhava por não sei que ruas, que praças. Um carro grande estacionara em não sei que rua, comigo dentro. De repente surge Marcel: elegante na sua displicência de conquistador: a superioridade de seu charme. Me vê e me humilha, porque tomou Camila de mim. Diz alguma coisa imoral, envolvendo o sutiam de Camila. Me enfureço, mas é inútil, porque êle sai, alegre, ágil: vai encontrar-se com Camila na esquina. E partem: fico com minha ira muda, meu desespero.

Pouco depois, as nuvens, as dobras do sono me colocam de pijama dentro de meu quarto. Da janela vejo Camila, vejo Camila me esperando. Estou de pijama porque não vou encontrar-me com Camila: ela havia saído com Marcel, eu o sabia: o carro grande, a esquina, o sutiam. Através do vidro da janela eu a via, me esperando. Começamos a discutir. Troquei de roupa: inconscientemente queria encontrar-me com ela, tocá-la, senti-la... êsse rosto, essas mãos... ao mesmo tempo em que a repudiava. Saí de casa, encontramos-nos, discutimos. Em der-